

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

JANICLÉA APARECIDA DE BRITO MENDES

**COELHO RODRIGUES, UM SUBDITO FIEL: construções sobre o movimento
abolicionista no final do século XIX.**

JANICLÉA APARECIDA DE BRITO MENDES

**COELHO RODRIGUES, UM SUBDITO FIEL: construções sobre o movimento
abolicionista no final do século XIX.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí –
UFPI.

Orientador: Prof. Me. Francisco Gleison da Costa
Monteiro.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M538c Mendes, Janicléa Aparecida de Brito
Coelho Rodrigues, um subdito fiel: construções sobre o movimento abolicionista no final do século XIX / Janicléa Aparecida de Brito Mendes. – 2016.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof. Me. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

1. Coelho Rodrigues-Abolicionismo. 2. Sociedade Manumissora. 3. Política Imigracionista-História. I. Título.

CDD 981.22

JANICLÉA APARECIDA DE BRITO MENDES

**COELHO RODRIGUES, UM SUBDITO FIEL: construções sobre o movimento
abolicionista no final do século XIX.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí –
UFPI.

Orientador: Prof. Me. Francisco Gleison da Costa
Monteiro.

APROVADA em 07/08/2014

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. AGOSTINHO HOLANDA COE JÚNIOR

PROF^a. MA. MONA AYALA SARAIVA DA SILVEIRA

PROF. ME. FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO

Dedico aos meus pais Luiz e Izabel e a Robson por
todo amor e paciência.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela vida que me permite aprender sempre mais a cada dia.

Aos meus pais pela paciência e toda força durante tantas indas e vindas.

Á Robson que dividiu comigo tantas emoções nesses quatro anos e meio e que deixou a vida mais bonita.

Aos professores Jhony e Gleison pela orientação ao longo desse trabalho.

E agradeço também aos amigos que ganhei por aqui que deixaram as noites de sábado mais felizes.

(...) “Oh”! É preciso ainda esperar cem anos... Cem
anos. “brada a legião da morte”.
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
Sacode o grito soluçando, - o norte.
Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos.
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas como pó do espaço.
Da lua pálida ao fatal clarão.

Castro Alves

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as construções de Coelho Rodrigues acerca do movimento abolicionista que se constitui em uma ameaça para a elite agrária, das discussões imigracionistas e do trabalhador livre que surge a partir da perspectiva da abolição, dos partidos conservador e liberal e da imagem autoritária do imperador no *Manual de um Subdito Fiel ou cartas de um lavrador a sua majestade o imperador* em finais do século XIX, período de mudanças e agitações políticas que criam desavenças entre o imperador e seus súditos e acabam decretando após o fim da escravidão, também o fim da monarquia. Coelho Rodrigues está imerso nesse período conturbado e contribui com sua escrita ácida e suas posições ambíguas para entender esse momento de transição do império para a república no Brasil.

Palavras-chave: Coelho Rodrigues, monarquia, século XIX.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the construction of Coelho Rodrigues about the abolitionist movement which constitutes a threat to the agrarian elite, the immigrationists discussions and free worker that arises from the prospect of abolition of the Conservative and Liberal parties and authoritarian image emperor in Manual loyal a subject or letters from a farmer to his majesty the emperor in the late nineteenth century, a period of political upheavals and changes that create discord between the emperor and his subjects and end up enacting after the end of slavery, also the end the monarchy. Coelho Rodrigues is immersed in this troubled period and contributes to its acid written and ambiguous positions to understand this moment of transition from empire to republic in Brazil.

Keywords: Coelho Rodrigues; Monarchy; Nineteenth century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - DISCUSSÕES ACERCA DA AMEAÇA ABOLICIONISTA	13
1.1 - O abolicionismo	14
1.2 - O caso do Ceará	17
1.3 - A Sociedade Manumissora	19
1.4 - A política imigracionistas	21
2 - SUA MAJESTADE O IMPERADOR E OS SÚDITOS FIEIS: CONSTRUÇÕES ACERCA DA MONARCHIA OMNIPOTENTE	24
2.1. Sua Majestade o Imperador	25
2.2. Liberais e Conservadores	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende penetrar nos debates políticos do final do século XIX, atentando principalmente no que se refere ao abolicionismo tendo como pano de fundo as disputas entre liberais e conservadores na província do Piauí, para isso teremos como personagem central Antonio Coelho Rodrigues e seus escritos sobre a propaganda abolicionista que podem ser encontrados nos jornais da época. Utilizaremos como fonte o jornal *O Piauí* órgão do partido conservador dessa província no qual Coelho Rodrigues atuou como redator. E a compilação de textos publicados em jornais na forma de cartas à sua majestade intitulado *Manual de um Subdito Fiel, ou Cartas de um Lavrador à sua majestade o Imperador*.

O trabalho será dividido em dois capítulos no primeiro apresento discussão historiográfica sobre o abolicionismo, discutindo com as fontes. O capítulo está dividido em tópicos e ao longo destes destaco ainda a política imigracionista e a sociedade manumissora no Piauí. No segundo capítulo tentarei fazer uma mediação entre as questões políticas relacionadas à monarquia e seus desentendimentos com a elite agrária a partir das criticas encontradas nas cartas de Coelho Rodrigues, nessa parte do trabalho analiso também as impressões sobre os partidos políticos imperiais e finalizo brevemente em torno da republica.

Para entender a sociedade brasileira do fim do século XIX é preciso entender que, a escravidão fazia parte da vida brasileira desde o período colonial. O grito de independência e os anos de Império não alteraram a vida dos escravos exceto por algumas poucas leis aprovadas no papel, porém pouco usuais na prática. A escravidão de forma direta ou indireta permeou todas as relações econômicas durante todo o Império, sendo esta a sustentação da grande plantação primeiro no nordeste depois com o declínio da cana-de-açúcar e ascensão do café, na região sudeste. Esse fato marca o Brasil como país escravista e dependente desta forma de trabalho que perdurará por quase 300 anos.

No Piauí, porém a situação do escravo era diferente de outras regiões, como afirma Odilon Nunes (1975) o trabalho para estes não era tão pesado quanto nos engenhos de açúcar e nas plantações de café, os escravos tinham foros de livres por isso, a campanha abolicionista ganha, rapidamente muitos adeptos, partindo várias iniciativas de alforria dos próprios donos de escravos.

Antonio Coelho Rodrigues pertencente à família de posses do interior do Piauí como

era de costume entre as famílias mais abastadas, após os estudos das primeiras letras vai para Recife estudar direito. Na escola de direito do Recife, assim como todos os rapazes que saíam da sua terra para estudar na capital pernambucana se deparavam com os grandes debates da época, a ciência positivista era a religião de grande parte dos professores e estudantes da faculdade de Recife. O piauiense, no entanto não o toma para si esse credo.

Já Bacharel volta para o Piauí e vincula-se ao partido conservador dessa província, consegue alcançar grande abertura na política e na mídia local e nacional, como bom conservador era monarquista e como ele mesmo disse:

Sou monarchista, como deve sel-o todo o cidadão amigo da legalidade; porque tal é a forma de governo adoptada pelos meus compatriotas, cuja maioria, que a sustenta, tem o direito de impol-a á minoria, que a supporta, emquanto a proporção não for invertida. (RODRIGUES, p. 43).

O poder absoluto de Sua Majestade, no entanto gerava questionamentos e queixas, segundo Schwarcz:

Com o tempo, porém, e tendo o Poder Moderador nas mãos — que lhe dava a primazia do veto em várias instâncias —, além de contar com uma elite bastante homogênea, apesar de dividida entre dois partidos, d. Pedro II, cada vez mais, reinará, governará e se tornará, aos poucos, uma espécie de fiel da balança. (SCHWARCZ, 1999, pg.169).

A partir dessa afirmativa podemos entrever a relação amistosa entre os partidos revelando os dois principais partidos que na prática não se diferenciavam muito, como mediador dos interesses do imperador.

A constante manifestação de apoio do Imperador aos abolicionistas cria atritos com a elite escravocrata de todo o país que não enxergam a possibilidade de haver naquele momento abolição total no Brasil. Temerosos esses, de perderem seus bens convertidos em escravos. O império era pressionado por um lado pelos abolicionistas que pregavam veementemente os horrores da escravidão e sua ligação com o atraso da sociedade brasileira de outro lado a elite agrária que não aceitava o fim da mão de obra escrava.

A imprensa do século XIX, os jornais de grande circulação estavam nas grandes capitais, porém apesar da alta taxa de analfabetismo na província do Piauí os jornais tinham espaços entre grupos políticos, servindo esses de palco para as críticas endereçadas a opositores. No Piauí havia vários jornais dentre eles O Liga e Progresso e A imprensa representante do partido liberal e o Piauihy como já dito representante do partido conservador, os jornais piauienses se comunicavam com outros jornais da corte ou de outras províncias

próximas como Pernambuco, Maranhão.

O apoio de S. M. aos atos de manumissões ou de extinção da escravidão em algumas regiões como no caso cearense, e a crescente mobilização de abolicionistas radicais para a fuga e cobertura de escravos em casos de assassinato de seus senhores aliados isso a crescente aceitação das ideias republicanas proporciona debates na imprensa, Coelho Rodrigues publica o seu *Manual de um súbdito fiel ou cartas de Um lavrador Sua Majestade o imperador* em número de doze de acordo com Odilon Nunes (1975) publicadas as três primeiras no jornal do comércio e as outras no jornal do Brasil contendo críticas ferozes endereçadas ao Imperador em um momento da história brasileira em que a monarquia já apresentava sinais de enfraquecimento.

Coelho Rodrigues era político conservador, portanto defendia os interesses do seu partido e dos seus correligionários e nesse momento em que a escravidão ainda tão necessária aos donos de escravos que preferiam manter a ordem e fazer a transição da escravidão para o trabalho livre bem lentamente e pelas vias da legalidade com indenização aos donos de escravos, esses se viam pressionados pela propaganda abolicionista que educava as pessoas contra a escravidão, pior de tudo estavam à mercê dos ataques de escravos rebelados que cometiam crimes incitados por alguns abolicionistas mais radicais que lhe prometiam ajuda para fuga e proteção junto às autoridades.

Compreender as apropriações dos espaços de comunicação pelas redes familiares piauienses no período que corresponde ao fim da monarquia e início da república, é importante se considerarmos que estas se interligam com os partidos e acabam por criar um campo de disputas políticas, chegando mesmo a trazer a público nos jornais, desavenças pessoais entre famílias, segundo Ana Regina Barros Rêgo (2001) os jornais piauienses não se aprofundam em problemas estruturais da província ou da nação como acontece na corte, à exceção de assuntos relacionados à Guerra do Paraguai e a campanha patriótica empreendida pelos jornais e as questões abolicionistas que mobilizaram tanto liberais quanto conservadores, entre eles Antonio Coelho Rodrigues. Nessa linha de raciocínio vamos explorar o século XIX e seus embates políticos.

1 - DISCUSSÕES ACERCA DA AMEAÇA ABOLICIONISTA

Os discursos políticos da segunda metade do século XIX são encontrados nos jornais. Na província do Piauí, embora fosse pequeno o número de leitores, pois a quantidade de analfabetos era superior ao de letrados existia, no entanto, um número razoável de jornais entre eles *A Moderação*, *O Piauí*, *A Opinião Conservadora*, *A Época*, *A Imprensa*, *Liga e Progresso*. A maioria desses periódicos estava diretamente ligado a determinado partido político assim servindo de porta-voz dos seus interesses como bem nos mostra Ana Regina Barros Rego:

Os políticos, quase sempre atrelados a um grupo familiar, possuem não apenas afinidades intelectuais, mas, sobretudo, laços de parentesco e interesses econômicos. Assim, organizam-se em torno de um partido e fundam um jornal, para exercer a função de porta-voz de suas idéias e dos anseios de suas famílias. (RÊGO, 2001, pg. 4).

Dessa forma podemos presumir a importância destes periódicos para a elite piauiense, sendo os jornais poderosos meios de difusão de ideias e interesses, se fazia, pois necessário deter o controle desse meio de comunicação. Assim, a maioria dos homens letrados logo ingressava na imprensa. Coelho Rodrigues foi um desses piauienses que enveredou pelos caminhos da política e da imprensa exatamente como mandava o figurino. Porém como aponta Chrysippo Aguiar *ressalvadas as memórias das gerações mais maduras*, *Antonio Coelho Rodrigues é tão desconhecido em sua terra natal quanto em todo território nacional*. (AGUIAR, 2006, pg. 80).

Coelho Rodrigues foi um piauiense, nascido em quatro de Abril de 1846, na fazenda Boqueirão, atual município de Picos (PI). Recebeu educação religiosa sob a orientação do Padre Raimundo Damasceno e como bem coloca Aguiar:

Proveniente de uma sociedade que se desenvolveu a partir da instalação de fazendas para a criação de gado no interior do nordeste brasileiro, Coelho Rodrigues teve sua formação familiar relacionada a uma estrutura semifeudal, organização social que prescindia da exploração da mão de obra escrava para seu desenvolvimento, fator a ser considerado em sua formação. (AGUIAR, 2006, pg. 81).

Esses fatores influenciarão o ingresso posterior no curso de direito e na defesa de suas crenças filosóficas sendo ele um dos combatentes da corrente positivista que arrastava grande parte dos homens letrados no Brasil. Esse combate segundo Aguiar (2006) acabou por delimitar o espaço de atuação deste, em um momento de transformação dos valores sociais

brasileiros.

Destacou-se na área do Direito e da Política, foi Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Pernambuco em Recife obtendo o grau de bacharel em Direito em 1866, depois de formado, retornou ao Piauí, onde desenvolveu intensa atividade política, jurídica e jornalística, retornando a Recife foi professor de direito, depois professor de economia política na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Na política foi Deputado Federal (1876-1878 e 1886-1889), Deputado Provincial (1874-1875), Senador e Prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Era filiado ao partido conservador e como ele mesmo diz: [...] *como meus parentes já andavam mettidos com os primeiros, reuni-me a elles e fiz-me conservador [...]*. (RODRIGUES,)

Em 1890 recebeu do então Ministro da Justiça, Campos Sales a incumbência de elaborar um projeto de Código Civil para isso fixou residência na Europa, mais precisamente na Suíça, a fim de desligar-se da política nacional. Seu projeto, porém, não foi aprovado e ficou no anonimato, mesmo com uma grande carreira na área jurídica e na política.

É patrono da cadeira nº 12 da Academia Piauiense de Letras e da cadeira nº 8 da Academia de Letras da Região de Picos e tem dois livros publicados *A republica na America do sul* onde faz uma análise da instituição da republica no Brasil e um segundo no qual nos apoiaremos que são na verdade a junção de 12 artigos ou cartas publicadas nos jornais do Brasil e Comércio. Esse último livro intitulado *Manual de um Subdito Fiel, ou Cartas de um Lavrador à sua majestade o Imperador* contém criticas ferozes direcionadas ao Imperador; trata da monarquia e sua relação com a questão servil e o abolicionismo temas esses que vamos aprofundar ao longo dos capítulos.

1.1. O abolicionismo

O abolicionismo que empreendeu uma campanha para pôr fim à escravidão no Brasil contou com a participação de vários setores da sociedade brasileira, com exceção dos grandes proprietários de terra, que perdiam com o fim da mão de obra escrava. Uma das primeiras medidas tomadas foi à extinção do tráfico de escravos com a lei Eusébio de Queiroz de 1850. Segundo José Murilo de Carvalho *a luta contra o tráfico teve inicio em 1807, quando a*

Inglaterra o proibiu a seus súbditos e encetou a longa campanha para eliminá-lo em outros países, sobretudo nos mais vulneráveis a suas pressões. (Carvalho, 2007 pg. 293). Essa corrida contra o tráfico liderada por conservadores, porém não teve grande sucesso, pois os traficantes continuaram a circular livremente, na maioria dos casos esses eram homens importantes e destacados na sociedade.

Diversos fatores contribuíram para pôr em prática a extinção total da servidão negra, um deles foi à guerra civil americana entre 1861 e 1865 com a vitória dos nortistas favoráveis ao fim da escravidão. Outro fator importante foi à guerra do Paraguai, que se estendeu de 1864 a 1870, a liberdade foi concedida a muitos escravos para combaterem no lugar de seus proprietários. E no caso do Piauí nos fala Johny Santana de Araújo:

No Piauí existiam as fazendas nacionais, antigas áreas de produção jesuíticas, que passaram à coroa portuguesa após a expulsão da ordem e as reformas introduzidas pelo Marquês de Pombal, e que após a independência, por consequência, passaram a coroa imperial. Com a guerra e por conta da necessidade de homens, tal como previa o relatório do visconde Abaeté, uma das áreas de desapropriação de escravos seriam as fazendas nacionais. (ARAÚJO, 2009, pg. 217).

Para o Brasil, a guerra do Paraguai significa o início da ruptura com o sistema monárquico escravista. Diante da dificuldade de recrutar soldados, escravos são alforriados para substituí-los, fato que incentiva a campanha abolicionista. A consequência mais importante, porém, é o fortalecimento do Exército.

O Brasil que vivia sob regime monárquico e tinha como base da sua economia a mão de obra escrava que sustentava as grandes lavouras vê a ordem ameaçada pela iminente atuação de grupos que levantavam a bandeira da abolição dos escravos. Sendo assim, pessoas de várias classes sociais contribuíram para que o abolicionismo ganhasse força pelo país, principalmente no ambiente urbano diz Emilia Viotti, *as ideias abolicionistas encontraram maior adesão nos núcleos urbanos, entre os grupos sociais menos vinculados à escravidão.* (VIOTTI, pg. 331).

Entre estes os que compunham as elites políticas, como Nabuco, como o teatrólogo Artur Azevedo e o poeta Castro Alves, ou negros como o advogado Luís Gama, o engenheiro André Rebouças e os mestiços como o jornalista José do Patrocínio. O próprio exército, que se formou na guerra do Paraguai e que contou com colaboração dos escravos. Além disso, as classes médias urbanas que começavam a ter significado na sociedade brasileira, os estudantes universitários, que vão desenvolver inúmeras atividades em prol da abolição. Já outros setores

continuaram contrários à abolição segundo Emília Viotti:

Alguns setores permaneciam até o fim contrários à abolição, que implicava não só a modificação do sistema de trabalho como o abandono da visão senhorial do mundo e a renúncia a uma série de valores com ela relacionados. Para muitos a abolição representaria a perda do status social. (VIOTTI, 2007, pg. 331).

A abolição da escravidão ameaçava, portanto não somente a propriedade privada, mas também um mundo simbólico de privilégios senhoriais.

Os propagandistas, como eram também chamados os adeptos da propaganda abolicionista se utilizavam de táticas como procissões, comícios, festividades onde se alforriavam negros e alegravam as pessoas nas ruas do Rio de Janeiro recursos estes já bastante difundidos entre a população local predominantemente católica. Desta forma compreendemos segundo Ângela Alonso (2011) o caráter pedagógico adotado pelos abolicionistas brasileiros influenciados por ideais estrangeiros principalmente de acordo com esta, espelhados no modelo espanhol.

Para Coelho Rodrigues, no entanto essa mobilização em nome dos direitos dos escravos amedrontava os senhores, pois:

A agitação que o abolicionismo, official no norte e semi-official no sul, semeou pelos nossos centros, quase despovoados de gente livre, tem-nos collocado a nós outros, senhores de escravos, em tão desesperada posição que nos não deixa o espírito bastante livre (...). (RODRIGUES, 24).

E sobre as conferências promovidas por abolicionistas observava que estas *sam verdadeiras provocações ao assassinato dos senhores de engenho e de suas famílias*. (RODRIGUES, pg.51). Ele mostrava-se vítima da situação reclamando o direito dos senhores e não apenas dos escravos:

Eu ia dizer-vos o methodo e os motivos da propaganda, que se levanta infrene em nome do direito dos escravos, em odio aos direitos do senhor (que os sofre sem ter concorrido para a sua triste condição), e apezar da constituição e das leis, como se estas não fossem a medida da liberdade de todos e a garantia dos direitos de cada um. (RODRIGUES, pg. 26).

Coelho Rodrigues era político conservador, portanto defendia os interesses do seu partido e dos seus correligionários e nesse momento em que a escravidão ainda era tão necessária aos donos de escravos que preferiam manter a ordem e fazer a transição da escravidão para o trabalho livre bem lentamente e pelas vias da legalidade com indenização aos donos de escravos, esses se viam pressionados pela propaganda abolicionista que educava as pessoas contra a escravidão, pior de tudo estavam à mercê dos ataques de escravos

rebelados que cometiam crimes incitados por alguns abolicionistas mais radicais que lhe prometiam ajuda para fuga e proteção junto às autoridades. Mas o interessante é notar que ele fala em liberdade numa sociedade submersa na escravidão na qual a pessoa escrava não tinha o direito nem mesmo a sua própria liberdade.

1.2. O caso do Ceará

Coelho Rodrigues cita o caso da libertação de todos os escravos anunciados pela imprensa e apoiados com entusiasmo pelo Imperador na província do Ceará como uma grande farsa, segundo ele os fatores reais que propiciaram a abolição da escravidão no Ceará são:

Todos sabem que a principal industria cearense – criação de gado – é feita exclusivamente pelos braços livres que desde muito affluíam para ella em numero superior a suas necessidades, e que, por consequência, a relativamente insignificante escravatura do Ceará estava reduzida a mero *gênero de exportação*, e quasi não tinha outro valor, senão commercial. (RODRIGUES, pg. 20).

Outro motivo era a abolição do tráfico internacional de escravos ficando cada vez mais difícil para os escravistas comprarem mão de obra. Além do incidente com os jangadeiros que se recusaram a fazer o transporte de escravos em suas jangadas para os vapores que os levariam para a região sul, vingando-se dos altos impostos de 100\$ anuais além de uma diminuição de 50\$ no preço anterior dos escravos o que tornava a venda interprovincial de cativos um comércio sem grandes lucros. Portanto, a província do Ceará não tinha muito o quê perder já que:

supprimidos este pelos impostos prohibitivos do sul a razão de ser daquella propriedade, e os traficantes vendo estancada essa fonte de receita, vingaram-se dos seus desconfiados fregueses, depreciando, graças á boa vontade do governo de V. M. Imperial, o mesmo gênero, que lhes havia vendido. (RODRIGUES, 1884, p.20).

Os escravistas que necessitavam obter a todo custo sua mão de obra vinham enfrentando vários problemas desde a abdicação de D. Pedro I, durante o período regencial, ocorreram uma onda de protestos de cunho republicano que mostravam o descontentamento brasileiro diante do poder central. Agravou-se a situação para os donos de escravos como, por exemplo, o aumento do número da mortalidade dos negros e das cartas de alforrias, a

diminuição da natalidade, em seguida a Lei Euzébio de Queiroz aprovada devido a grande pressão inglesa sobre o Brasil, proibindo o tráfico interatlântico de escravos restando apenas o tráfico interno.

No meio disso tudo o movimento abolicionista já vinham desestabilizando o sistema escravocrata, financiando as ações de escravos fugidos que protestavam contra o poder de seus senhores. Pois,

A propaganda abolicionista e as perspectivas de libertação tornaram o cativo mais difícil de suportar. A coexistência do trabalho livre e escravo fazia saltar aos olhos a injustiça da instituição. Viajando pelas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, em 1883, tinha-se a impressão de que era iminente uma revolução social. Por toda parte havia sinais de inquietação: fuga, revoltas, crimes cometidos por escravos aumentavam a tensão. Os negros recusavam-se a obedecer e encontravam, muitas vezes, apoio e simpatia entre a população livre. (VIOTTI, 2007, pg.333).

Ainda no caso do Ceará Coelho Rodrigues critica o modo como por essa atitude de vingança os jangadeiros pousaram de liberais e de abolicionistas sobrando á culpa e o título de desumanos para os compradores de escravos, mas, *com o devido respeito, admittida mesmo a versão da Gazeta, não nos parecem nada legaes os esforços em prol da emancipação, empregados no Ceará;* (RODRIGUES, p.20).

Sobre o caso do Ceará ele conclui que, *não é a ausência de elemento servil o que há no Ceará, é a ausencia completa da lei; é a falta absoluta de um representante sério do principio da autoridade que lá está incarnada n'uma satyra ambulante* (RODRIGUES, pg.), palavras estas endereçadas satiricamente ao presidente daquela província o Sr. Dr. Satyro grandemente felicitado nos jornais pela supressão do elemento servil no Ceará.

E acrescenta condenando o imperador:

Senhor, assim como o calor e a humanidade, transmitem e conservam a existência de todos os seres vivos, sem o saberem, assim também vòs tendes creado todo esse abolicionismo, que por ahí grassa, estrepitoso e barulhento para vos não passar despercebido, sem o quererdes e talvez sem o suspeitares. (RODRIGUES, pg.26).

A partir da afirmação podemos pensar a introdução do abolicionismo no Brasil como um verdadeiro choque entre o velho e o novo, nisso se encaixa por sua vez a insatisfação por parte de intelectuais tanto conservadores como no caso de Coelho Rodrigues e de liberais com o regime monárquico e o poder moderador que dava plenos poderes ao Imperador.

Coelho Rodrigues defende que tudo não passa de um jogo de farsas imenso cobrindo os interesses abolicionistas e ataca até o grande defensor da propaganda Joaquim Nabuco a

quem alega estar representado ordens superiores vindas do exterior segundo ele:

Agora, a pouco, acaba de chegar da Europa, onde andou fazendo reputação á custa de sua pátria *ingrata* para com elle e para com os seus maiores o autor do *abolicionismo*, escripto de encomenda por ordem superior, e já consta que será candidato ás proximas eleições da côrte (1), apoiado á *outrance* pela classe militar, á cuja frente figura um general da armada, filho de um senador, que é presidente desse club de advogados, cujo programma nega peremptoriamente a legalidade da escravidão no Brazil!. (RODRIGUES, pg. 51).

Desse modo conclui-se que o movimento em torno do abolicionismo se apresentava a Coelho Rodrigues como ameaça, pois esta se levantava *furiosa e infrene em nome do direito dos escravos, em odio aos direitos do senhor (...)*. (RODRIGUES, pg. 26). Senhores esses que passavam a temer por suas vidas diante das rebeliões de escravos contra seus donos incitados muitas vezes por propagandistas.

1.3. A Sociedade Manumissora

As sociedades manumissoras eram associações formadas para angariar fundos para compras e distribuição de cartas de alforrias, geralmente em festas ou dias comemorativos. Esse tipo de sociedade se espalhou por várias partes do país mobilizando a população para a conscientização de que a abolição dos cativos podia ser feita gradualmente. Segundo Ângela Alonso:

O abolicionismo brasileiro se apropriou do repertório abolicionista disponível de duas maneiras. De um lado, moldando-se a si mesmo como um movimento social, nisso emulando os padrões britânico e norte-americano de mobilização. Nos anos 1880, os abolicionistas brasileiros recorreram a uma variedade de formas de mobilização, atraindo uma diversidade de participantes – mulheres, libertos, trabalhadores não qualificados, e mesmo crianças. Nesse sentido, construíram uma enorme e inédita mobilização social, constituindo-se em primeiro grande movimento social brasileiro. (ALONSO, 2011, pg. 22).

No Piauí um dos fundadores da sociedade manumissora em Teresina foi Coelho Rodrigues em novembro de 1870 por isso ele dizia que a *iniciativa particular tem se avantajado immensamente ao governo em relação ao primeiro problema;* (RODRIGUES, pg. 23) referia-se a tirar o escravo do cativeiro.

Demonstrava desse modo seu interesse na liberdade dos escravos apesar das criticas que manifestava ao abolicionismo. Para comemorar a criação da sociedade foi publicado no jornal O Piahy o discurso de abertura do ilustre fundador. O inicio da solenidade apresentada no jornal começava engrandecendo o acontecimento:

Quando no futuro algum homem, amante das cousas pátrias, proposer-se a transmittir à posteridade a historia desta provincia, hade parar chegando a data memoravel do dia 1 de novembro de 1870, como defronfe de um marco miliario da civilização do progresso. Nesse dia para sempre grato ao coração brasileiro, inaugurou se nesta cidade a associação emancipadora piauiense, cuja semente, dando fructos no mesmo instante, em que foi plantada, trouxe immediata liberdade a dous desherdados da fortuna, que havião nascido sem ella. O espectáculo sublime dos homens mais grados da localidade, reunidos para occuparem-se da sorte dos escravos, tinha alguma cousa de religioso que lembrava a caridade dos primeiros christãos, e um quer que seja de alegria indefinida, que não se podia esconder no coração, nem oc-cultar do semblante. Estes trez homens, representando juntamente o poder espiritual, o poder legislativo e o executivo profanos, cooperando todos para o mesmo fim. symbolisavão bem os brasileiros uniformes e concordes no pensamento humanitário de extinguir-se esse barbaro legado dos séculos passados, essa viva incarnação dos tempos do despotismo. Installada a mesa provisória, S. Exc. O Dr. Coelho Rodrigues, tomando a palavra expóz em um breve, porem incisivo discurso, o objecto e o fim da reunião, concluindo que a sociedade devia admitir, como uma das suas bases, a preferencia das creanças não baptisadas do sexo feminino; visto como era impossível tratar-se da libertação de todos os escravos, e, quando não o fosse, haveria perigo de uma revolução econômica e doutra social na transição brusca de tantos milhares de homens, não educados para a vida civil e politica, do estado de escravidão para o estado de liberdade. S. Exc. lembrando a prudencia e moderação, com que os po-deres constituídos tem tratado e devem tratar da melindrosa solução desse problema importante, desenvolveo a necessidade que nessa árdua tarefa tem elles dos particulares; mostrou a maneira, com que o espirito nacional tem secundado nesse gêneroso intuito, e provou que de outra sorte o Brasil seria prosa de dous males igualmente terríveis e inevitaveis: O proletarismo e a anarchia. O proletarismo; porque os escravos, habituados a trabalharem somente sob direcção alheia, e entregarião á inércia no momento, em que a coacção cessasse; a anarchia, por que esses libertos, uma vez entregues a inércia e a preguiça, seriao um elemento de continuas perturbações da ordem social: a ociosidade é a mãe de todos vicios.¹

De acordo com o jornal a cadeira presidencial foi oferecida ao senhor Dr. Manuel Jose Espínola Júnior este não aceitou ao que foi em seguida ocupada pelo Reverendo Vigário Mamede Antonio de Lima, ficando o Dr. Espínola no modesto lugar de primeiro-secretário e o de segundo secretario foi ocupado pelo Dr. Coelho Rodrigues. Nesse dia exaltado pela nobre missão de libertar foram entregues duas alforrias a de uma escrava de 25 anos e de um

¹ RODRIGUES, A. C. Sociedade Emancipadora Piauiense. O Piahy, Teresina, 9 de novembro 1870 n°148, p. 2.

escravo de 14, a solenidade era acompanhada por uma banda de música que excitava ainda mais os ânimos.

Houve também espaço para aqueles que querendo tirar proveito da situação pediram alta quantia pelas suas escravas, um senhor chegou a pedir por uma escravinha branca de 5 anos a absurda quantia de 750\$000 réis. No entanto, o acontecido não diminuiu o ardor das palavras do senhor Coelho Rodrigues que falou apaixonadamente sobre a importância do acontecimento para o futuro e para aqueles homens que ganhavam a liberdade, porém destaca os perigos em se fazer a abolição de todos os escravos, sendo que esses ainda não estavam preparados para integra-se a sociedade e se assim ocorresse cairiam na ociosidade. Percebe-se, portanto no discurso do senhor Coelho Rodrigues sua preocupação com a moderação da campanha, pois temia que sendo abolida de uma hora para outra a massa de escravos o país caísse nos males do proletariado e da anarquia, deixando clara a sua preocupação com a ordem.

1.4. A política imigracionista

O número de abolicionistas aumentou consideravelmente particularmente na corte, uma vez que a escravidão passava a ser mal vista sendo que *ninguém mais ousava fazer a defesa doutrinária da escravidão*. (VIOTTI, 2007, pg. 333).

Passou a ganhar a força à ideia de que os trabalhadores livres europeus obrigados a migrar por força das difíceis condições que se apresentavam no velho mundo deveriam ser introduzidos no país para substituir os escravos negros. Dentro desse projeto de imigração levada a diante por uma parte da sociedade havia o desejo de que a população brasileira passasse por um processo de embranquecimento o que estava de acordo com as teorias raciais da época, estas afirmavam que, a mestiçagem levaria o Brasil a degeneração.

Era de interesse dos agricultores que a transição do trabalho escravo para o livre se desse de modo gradual e lento sem mais perturbações da ordem assim como relata o Visconde de Sinimbu Ministro da Agricultura em fala na abertura do Congresso Agrícola do Rio de Janeiro:

A verdade é que a crise da lavoura ahi se manifesta com suas consequencias

naturaes. Encaral- a de frente, sem pensar por um só momento em voltar atrás, procurar os meios convenientes e efficazes para a debellar, reconstruindo a propriedade rural sobre as bases do trabalho livre, é esta, senhores, a nossa e a vossa principal missão. Neste ponto todos estamos de perfeito accôrdo; é da maior conveniencia que essa inevitavel transição nas condições do trabalho se realize sem perturbação na ordem economica. (*Apud UEMORI*, p. 125).

Como podemos notar analisando a fala acima a mudança para o trabalho livre era inevitável como afirma o ministro da agricultura, porem se fazia necessário arranjar meios para a continuação da propriedade rural sustentada pelo trabalho livre. Dada como inevitável essa transição as duvidas se faziam sobre o trabalhador livre. Nesse período ganhou espaço às discussões sobre imigração como explica Coelho Rodrigues no Congresso Agrícola do Recife:

(...) há mais ou menos trinta anos que começou a espalhar-se nesta nossa terra a idéia de ser sua população de raça degenerada e incapaz de grandes cometimentos. Daí a necessidade de influir-lhe sangue novo, e introduzir lhe o elemento estrangeiro dos cabelos louros e olhos azuis; daí a necessidade da colonização oficial, que (...) tem afluído e vai afluindo para o sul. (*Apud UEMORI*).

Alguns dos presentes neste congresso defendiam a campanha para imigração europeia como solução para a substituição da mão de obra escrava, outros acreditavam na utilização do trabalhador nacional entre estes, estava Coelho Rodrigues o qual proclamou nas suas cartas de um lavrador:

Na questão servil há dous problemas capitaes: tirar o escravo do cativo e incorporar o liberto na sociedade civil; pois fora cruel e iníquo pretender a sua eliminação desta, como pretenderam os abolicionistas norte-americanos, e comvosco parecem pretender também os *immigracionistas* brasileiros. (RODRIGUES, pg. 92).

No entanto mesmo a convicção levantada por alguns sobre o braço livre nacional não era o suficiente para acalmar os ânimos daqueles que enxergavam os recém-libertos e homens livres como ociosos, que não se prestavam ao trabalho Como afirma acima Coelho Rodrigues. Para isso começa a serem pensadas formas de educar essa massa de “vagabundos” para o trabalho assalariado, até como forma de combater a ociosidade perante duras leis repressivas.

Apesar das argumentações contrárias, foi no interior desses debates que os milhares de braços, ditos ociosos, incluindo-se os libertos e os ingênuos, começaram a ser vistos como braços que a lavoura poderia aproveitar, até como forma de acabar com a ociosidade e com o parasitismo reinantes, resolvendo, portanto, o problema da substituição da mão-de-obra. Para tanto, esses congressistas apresentaram propostas, não menos polêmicas, que

visavam sujeitá-los ao trabalho, compeli-los a viverem dele; ou mesmo a criação de leis policiais repressivas à vagabundagem. (SCHELBAUER, pg. 07).

Essas práticas repressivas foram amplamente utilizadas durante o início do sistema republicano no Brasil. As rodas de capoeira e de samba eram alvos cotidianos das repressivas policiais por serem comumente associados à vadiagem e a malandragem. Por isso temendo a insubordinação dos ex escravos embrutecidos pelo cativo, ressalva:

Contenha-se portanto, primeiro que tudo, a linguagem perigosa dos que pregam sem reboço a indisciplina ao exercito, e a insurreição ao escravo, e, depois de firmada a segurança do presente, não será muito difícil preparar, sem convulsões nem perigos, o advento do trabalho livre, para o qual está evidentemente predisposto o espirito publico, e não duvidamos contribuir nós mesmos, os mais interessados no *estatus quo*. (RODRIGUES, pg. 87).

Para ele antes de impor condições para o trabalho livre era necessário cuidar para que os abolicionistas não atissem de tal forma os cativos, para desse modo evitar insurreições negras, e salvaguardar o direito de propriedade depois disso acreditava que a transição para o trabalho livre se daria tranquilamente. Nesse momento de acordo com Viotti:

Todos se diziam emancipadores, entretanto insistiam em frisar que a situação que vivia o escravo era superior à do jornaleiro europeu. Faziam questão de acentuar que, no Brasil, a escravidão era mais branda do que em outros países, que aqui os senhores eram benevolentes e que as relações entre senhores e escravos caracterizavam-se por um tom paternal. Chegavam a afirmar que os escravos tinham vivido felizes até o momento em que as idéias subversivas divulgadas pelos abolicionistas criaram o descontentamento. Acusavam os abolicionistas de pintarem um quadro demasiado sombrio da escravidão. (VIOTTI, 2007, pg. 333 a 334)

Coelho Rodrigues era desses emancipadores que defendia a utilização do trabalhador nacional, pois, segundo ele a situação deste não era pior do que a do trabalhador europeu, pois, *o trabalhador inglez come carne, quando muito, duas vezes por semana, e os francezes apenas uma. Os meus tem-na duas vezes cada dia, café pela manhã assim como a noite, na estação chuvosa, roupa e remédio a tempo e á hora*. (RODRIGUES, pg. 73).

Para ele antes de impor condições para o trabalho livre era necessário cuidar para que os abolicionistas não atissem de tal forma os cativos, para desse modo evitar insurreições negras, e salvaguardar o direito de propriedade depois disso acreditava que a transição para o trabalho livre se daria tranquilamente.

Todos se diziam emancipadores, entretanto insistiam em frisar que a situação que vivia o escravo era superior à do jornaleiro europeu. Faziam questão de

acentuar que, no Brasil, a escravidão era mais branda do que em outros países, que aqui os senhores eram benevolentes e que as relações entre senhores e escravos caracterizavam-se por um tom paternal. Chegavam a afirmar que os escravos tinham vivido felizes até o momento em que as idéias subversivas divulgadas pelos abolicionistas criaram o descontentamento. Acusavam os abolicionistas de pintarem um quadro demasiado sombrio da escravidão. (VIOTTI, 2007, pg. 333 a 334)

Coelho Rodrigues era desses emancipadores que defendia a utilização do trabalhador nacional, pois, segundo ele a situação deste não era pior do que a do trabalhador europeu, pois, *o trabalhador inglês come carne, quando muito, duas vezes por semana, e os francezes apenas uma. Os meus tem-na duas vezes cada dia, café pela manhã assim como a noite, na estação chuvosa, roupa e remédio a tempo e á hora.* (RODRIGUES, pg. 73).

2 - SUA MAJESTADE O IMPERADOR E OS SÚDITOS FIEIS: CONSTRUÇÕES ACERCA DA MONARCHIA OMNIPOTENTE.

Neste capítulo pretendo mostrar através deste personagem o descontentamento para com a figura do imperador acompanhado por severas críticas e certa dose de ironia sobre a imagem de homem sábio dado as letras e a ciência que carregava D. Pedro II, destaco ainda a relação entre os partidos e as críticas endereçadas também a estes e a relação amigável com a questão republicana quando da mudança de regime.

A crise no império ocasionada dentre outros fatores pela emergente campanha abolicionista e a conseqüente libertação dos escravos se tornou um grande aliado contra o regime imperial e mesmo contra a figura do imperador. Dado o descontentamento dos senhores de escravos com a crescente força da propaganda afastavam-se cada vez mais do imperador que se mostrava amigável com os métodos abolicionistas, estes então de acordo com Basile (2008) engrossaram as fileiras da oposição ao regime tornando o advento da republica cada vez mais nítido no cenário brasileiro. Sobre este fato Coelho Rodrigues destaca a linha tênue que liga escravidão e monarquia para ele *a escravidão do Brasil é Irmã gêmea da monarquia da America; ambas têm por si os mesmos argumentos: a tradição, o costume e a lei.* (RODRIGUES, pg. 41) Dessa forma no momento em que uma caísse à outra fatalmente seria suprimida junto, porém declara:

A realeza e a escravidão começaram e têm vivido juntas neste paiz, onde cada qual tem sua missão, que não me parece terminada.

A' primeira incumbe preparar o leito da republica, e á segunda tornar possível o advento do trabalho livre; nem uma nem outra cousa pode ser feita de um salto; ambas reclamam medidas de transição e algum tempo para ellas. (RODRIGUES, pg. 42).

Outros fatores que também corroboraram para o descrédito da monarquia brasileira foi o descontentamento pela acumulação do poder moderador nas mãos do imperador, e, o desconforto com o sistema monárquico parlamentar, uma vez que os partidos conservador e liberal que dividiam a cena política de acordo com o próprio Coelho Rodrigues:

Dividem-se em dous grupos inimigos: um conservador, que faz reformas liberais; outro liberal, que faz reformas conservadoras, e, por amor das suas idéas, cavam entre si um abysmo, que lhes não permite reunirem-se, nem mesmo para combater o inimigo comum e defender seus direitos mais sagrados. (RODRIGUES, pg. 56)

Coelho Rodrigues nos mostra a relação de disputa entre os dois principais partidos, os quais estão tão presos ao dever de defender suas ideias que acabam por travarem disputas eleitorais e *lhes não permite reunirem-se, nem mesmo para combater o inimigo comum e defender seus direitos mais sagrados.* (RODRIGUES, pg. 56). Mas, tratarei desse assunto dos partidos no próximo tópico deste capítulo agora vamos concentrar na representação do monarca contida nas Cartas.

2.1. Sua Majestade o Imperador

A situação neste momento da história para os agricultores do nordeste não era nada boa, pois estes passavam por uma crise na agricultura açucareira, de acordo com Giselle Rodrigues:

O Nordeste, no decorrer do século XIX, não conseguiu acompanhar o ritmo das intensas transformações então em andamento. Como resultado notar-se-á uma não adequação da região aos novos paradigmas em discussão, bem como uma estagnação na agroindústria açucareira. (RODRIGUES, pg. 06)

Além disso, foram deixados de fora do Congresso Agrícola ocorrido no Rio de Janeiro em julho de 1878, já que reunindo somente as províncias do Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro discutiram-se somente questões referentes à região sudeste. Desta forma o Congresso Agrícola do Recife de 1878 foi realizado a partir da insatisfação dos nordestinos por terem sido excluídos do Congresso agrícola do Rio de Janeiro, além de estarem insatisfeitos para com as medidas imperiais adotadas para esta região diante da situação de crise em que se achavam. Havia entre os congressistas nordestinos a desconfiança no governo imperial, entre estes está Coelho Rodrigues que participou do Congresso realizado no Recife, e demonstra numa de suas falas a desconfiança tanto no governo quanto nos partidos políticos, pois esses:

E na marcha em que vamos, o desenlace é fatal; pois nada mais podemos esperar do governo (deste ou daquele partido pouco importa); porque em regra estes não fazem mais do que decomporem-se e conspiraremse mutuamente, segundo estão em cima ou em baixo. (*Apud Rodrigues*).

No final do século XIX segundo Viotti *ninguém mais ousava fazer a defesa doutrinária da escravidão.* (VIOTTI, pg. 333). Pois seriam vistos com maus olhos, todos se

diziam emancipadores não havia quem não se afirmasse a favor da liberdade do homem negro, porém daí a acabar de uma só vez a escravidão era algo longe dos interesses de muitos, Coelho Rodrigues era a favor da transição lenta nas vias da legalidade e enxergava com maus olhos a agitação abolicionista.

creado no meio de escravos e como senhor de escravos, não tenho á escravidão esse horror comico e simulado, de que se mostram tão possuidos os conversos recentes do abolicionismo imperial, não; combato-a mais por convicção do que por zelo, e prefiro que ella continue mais algum tempo a que acabe proxivamente, por uma luta, em todo o caso perigosa, e pode bem ser que sangrenta. (RODRIGUES, pg.32).

Na declaração acima percebemos criticas aos novos adeptos da propaganda que alardeiam os horrores da escravidão, Coelho Rodrigues, no entanto, demonstra sua opinião sobre tal questão e assegura que a escravidão, assim como a monarquia ainda não haviam cumprido seu dever e *é portanto baldado procurar uma opinião, que vos guie nesta porção da America, não menos singular pela sua escravatura do que pela sua monarchia.* (RODRIGUES, pg. 29). É fácil entender o desagrado que causava o apoio do imperador as conquistas abolicionistas diante disso ele declara:

(...) quando nos convenceremos de que o primeiro interessado na ordem é o agente principal da anarchia, e o ponto de apoio dos abolicionstas, em vez de armarmo-nos contra estes para defender a posição de senhores de escravos, juntar-nos-hemos com elles para acabarmos tambem com a posição do senhor dos senhores: assim a sociedade dará dous passos, em vez de um só, e teremos por nosso turno o applauso e a admiração dos sabios do ultramar. (RODRIGUES, pg. 38).

Pode-se perceber o descontentamento chegando ao ponto de insinuar aliar-se aos abolicionistas para combater a monarquia, segundo Schwarcz (1999) nos últimos anos do império a imagem do monarca passou por transformações, a figura divina de sua majestade deu lugar ao velho de enorme barba ironizado por meio de charges nas revistas e jornais. As descrenças na monarquia aumentavam e Coelho Rodrigues profetiza:

A escravidão, (pode estar tranquilo o Sr. Senador Ottoni,) não passará ao século vindouro; a monarchia desaparecerá com ella, ou pouco tempo há de sobreviver-lhe; mas até lá é preciso sustentar uma e outra com as modificações possíveis, sem convulsionar-se o paiz. (RODRIGUES, pg. 29).

A imagem que se faz de D. Pedro nas *cartas de um lavrador a sua majestade o imperador* é a de um homem voltado para si e dedicado ao estudo das ciências que em nada pareciam servir ao cargo que ocupa. Rodrigues compara seu sistema político ao solar, com

todo poder centralizado no *senhor dos senhores* este tão prejudicado pelas línguas estrangeiras, que não póde crer na verdade de uma doutrina professada em portuguez. (RODRIGUES, pg. 20). A imagem de D. Pedro II vai ao longo das cartas ficando mais autoritária segundo Coelho Rodrigues o *Brazil official está hoje todo feito á vossa imagem e semelhança, e sua vida inteira resume-se na declinação do unico substantivo Imperador, em todos os casos e sempre no numero singular.* (RODRIGUES, pg. 29) Coelho Rodrigues não deixa de ressaltar a influencia estrangeira sobre o governo brasileiro.

Ora, um rei constitucional não pode passar sem conselheiros, e, como aqui não os ha capazes, justo é que os procureis no velho mundo, entre os vossos pares na sciencia e amigos particulares, qualquer dos quaes vale muito mais do que a totalidade desse rebanho, manso como um cordeiro e fiel como um cão, que acode pelo nome de povo brasileiro. (RODRIGUES. pg. 29).

Os contemporâneos da abolição segundo Emília Viotti (2007) divergiam quanto à interpretação do que representava a libertação dos escravos, seria para alguns a ação idealista de alguns homens outros o consideravam a vontade do monarca e da sua filha, em seus escritos parece-me que Coelho Rodrigues deixa transparecer essa segunda ideia, julgando o imperador o principal elemento da *anarchia* que vive o Brasil e *Conservar o órgão da anarchia, á frente do governo, não é ser conservador, é ser anarchista, como ele e, por consequência, seu complice.* (RODRIGUES, pg. 35). Os abolicionistas, segundo Coelho Rodrigues:

(...) contam com Vossa Magestade para tudo, desde a imposição dos programmas dos ministros de um rei constitucional – até a insuflação secreta de uma rebelião militar, para que o governo acabe de um golpe com a propriedade escrava, simulando uma coacção preparada para chegar a esse resultado tragi-comico. (RODRIGUES, pg. 67).

No entanto, mesmo com tantos aborrecimentos com a monarquia ele a defendia, pois acreditava que era na verdade um mal necessário e se justificava somente pela *necessidade actual, e pela dificuldade de substituí-la rapida e eficazmente.* (RODRIGUES, pg. 54). O que poderia ser uma luta perigosa.

O jurista ataca por todos os lados e ferozmente o imperador, julga-o responsável por toda a desordem causada ao *mais humilde membro da classe mais ameaçada pela propaganda revolucionária* que se levanta para perturbar a ordem. Como que se dando conta do papel central do imperador influenciado pelos sábios de ultramar a escrita de Coelho Rodrigues ganha tom de convocação para acabar com aquele que é o senhor dos senhores

(...) mas a escravidão é, como a monarchia, um estado de transição, que se

não póde mudar de improviso sem grandes perturbações e graves perigos. Entretanto, se o chefe do Estado, e com elle o seu governo entende que póde sem inconvenientes transformar em um momento nossos escravos em seus súbditos, não é muito que seus actuaes súbditos queiram tambem, por sua vez, aproveitar esse momento histórico para transformarem-se de súbditos de Sua Magestade Imperial em cidadãos da nossa pátria commum. (RODRIGUES, pg. 56).

A partir desse posicionamento de Coelho Rodrigues declarado publicamente não é difícil imaginar que não o fosse defendido somente por ele, mas que era uma ideia já alimentada por outros, principalmente donos de escravos. A este andamento das coisas não é de se espantar que a monarquia perca forças e vá cedendo espaço a republica, pois:

Há vinte annos ninguem falava em republica nesta terra; hoje quase toda a mocidade é republicana, e a monarchia conta apenas duas espécies de defensores: os que tem interessee ou esperanças fundadas no *status quo*, e os que preferem, apezar dos pezares, o conhecido, em paz, ao desconhecido, com o risco de uma conflagração. (RODRIGUES, pg.66).

E acrescenta em tom de ameaça sua posição frente aos fatos observados:

Estes últimos, hoje que o partido imperial está convulsionando o paiz, por amor dos applausos do estrangeiro, já desconfiado de tanto liberalismo, talvez prefiram remover o principio da anarchia para ficarem mais quietos, sob chefes temporários, que não possam ter caprichos duradouros, nem manias permanentes. (RODRIGUES, pg. 66).

Fica cada vez mais claro o descontentamento com a figura imperial para Rodrigues o *principio da anarchia*, e mais uma vez também vemos a preocupação para com o apoio estrangeiro e por amor dos aplausos do estrangeiro. Rodrigues novamente sugere a remoção de sua majestade com certa segurança quanto ao poder de seus correligionários para tal ato. Aquele que se dizia um fiel súdito vai se mostrando nada submisso e faz uma cruel comparação:

A pezar de fiel, ou antes, por isso mesmo, estou sentindo tambem veleidades progressistas, e, creia-me Vossa Magestade, assim como soa-lhe mal aos ouvidos a palavra *senhor* – na boca de um homem creado e educado, como escravo e para escravo, faz-me também mal aos nervos proferil-a, ou ouvil-a proferida por homens nascidos e creados para cidadãos de um paiz livre. (RODRIGUES, pg. 66).

De acordo com Emilia Viotti (2007) alguns setores permaneceram contrários à abolição até o fim, pois isto implicava não somente a modificação do sistema de trabalho, mas significava também o abandono da visão senhorial de mundo e com ele a renúncia de valores a ela relacionados, ou seja, a perda do status social advindo da posição de senhor.

É o que podemos constatar quando analisamos a seguinte posição de Coelho Rodrigues *entre nós tudo está em questão e ameaçado pelo governo, desde a nossa fé em Deus até o nosso direito sobre a terra, que possuímos.* (RODRIGUES, pg. 69) A questão é profunda e fere o mais inviolável dos direitos para Coelho Rodrigues, o de propriedade, sendo que uma das maiores queixas feitas pelos senhores de escravos era o direito a indenização quando ocorresse a abolição.

Assim, é que a monarquia já corroída, e tendo como representante um homem a quem de acordo com Rodrigues os *deputados já se tem conversado e muitas vezes sobre a necessidade de submeter-vos, com o devido respeito, a um exame de sanidade.* (RODRIGUES, pg. 62). Se ao longo das cartas percebe-se toda apreensão para com o poder moderador e as medidas tomadas pelo imperador mais a serviço do estrangeiro que dos interesses nacionais não é surpresa quando Coelho Rodrigues proclama *que desça, pois, do alto do trono o verbo da liberdade; mas não permita Deus que ella chegue só ao escravo, e seja vedada aos senhores; não, Senhor, não seria justo, nem toleravel.* (RODRIGUES, pg. 66). Dessa forma, percebe-se que, para os súditos de sua majestade o fim da monarquia estava já por essa época, sendo que, as respectivas cartas foram publicadas no ano de 1884 cinco anos antes da abolição, de qualquer forma com os dias contados.

2.1. Liberais e Conservadores

Os dois principais partidos imperiais o liberal e o conservador travavam violentas disputas eleitorais, porém apesar disto, os partidos eram diferentes apenas no nome. Um e outro eram integrados pela elite local de cada província e praticamente defendiam os mesmos interesses. A maior diferença entre eles se dava no modo como viam que o governo deveria funcionar, para os Conservadores era necessário maior centralização. Isto é, o poder central fosse mais centralizado. Já os Liberais eram a favor de menos centralização, pois preferiam que as províncias tivessem certa autonomia o que seria melhor para a economia do Império como um todo.

Entre semelhanças e diferenças liberais e conservadores revezaram o poder durante o segundo reinado e embora o partido conservador fosse contra a abolição é em seus mandatos

que ocorrem as maiores conquistas a favor da extinção da escravidão. É válido lembrar, no entanto, que diante dos debates sobre leis antiescravistas apresentadas em congresso depois de aprovadas grande parte se tornava letra morta isso explica o porquê de ter sido tão prolongado o processo de luta contra a escravidão no Brasil.

Coelho Rodrigues não se priva de criticar os partidos e desvenda as diferenças entre estes,

Apezar, porém, das doutrinas do meu autor predileto, cedo verifiquei que isso de conservadores e liberais no Brazil eram modos de dizer, ou methods de opposição ao governo, e como os meus já andavam com os primeiros, reuni-me a elles e fiz-me conservador, mesmo porque tinha alguma coisa que perder e a gente só pode ser liberal sem restricções, quando tem o pão certo, sem trabalho, como os altos funcionarios, ou chega á condição de proletário. (RODRIGUES, pg. 11-12).

Liberais e conservadores faziam parte da mesma elite, e a entrada no partido se dava por causa da família já reunida em um deles, mas Coelho Rodrigues não deixa de alfinetar os liberais, sendo o bom conservador que é, ou seja, os partidos políticos objetivavam a manutenção dos interesses senhoriais que em nada representava a população. Segundo Schwarcz:

Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos [...]. (SCHWARCZ, 1999, pg. 173).

A partir dessa análise destaco a clareza de Coelho Rodrigues diante das questões dos partidos que o permitiu fazer um quadro compreensível do que era a política imperial nos meados do século XIX. Apesar das demonstrações de suas próprias paixões explícitas nas fontes analisadas. Para Coelho Rodrigues crente que o imperador e sua monarquia onipotente não proporcionavam liberdade aos partidos para que seguissem seus próprios programas, dessa maneira *dividem-se em dous campos inimigos, para entrarem nessas batalhas de votos, em que estes Sam contados sem atenção ao peso, e em que muitas vezes os vencedores Sam as primeiras victimas do general victoriano.* (RODRIGUES, pg. 57). O descontentamento para com a onipotência monárquica se estende aos bajuladores de vossa majestade, pois:

(...) sendo o ideal de todos os brasileiros, primeiro um titulo scientifico, depois um emprego publico, depois uma cadeira na camara dos deputados, depois uma camara no senado, mais tarde uma poltrona no conselho de Estado e afinal uma rêde no ministerio, emquanto Vossa Magestade Imperial escolhesse o senador, e nomeasse o conselheiro de Estado, que cobre o

ministro, que faz o deputado, nomeia o empregado e ás vezes facilita tambem a aquisição do titulo, havia de ter forçosamente em roda de si um cordão sanitario para a verdade, que só poderá chegar até vós-disfarçada pelas fabulas do Sr. Lafayette, ou importada do estrangeiro, como Vossa Magestade parece preferir. (RODRIGUES, pg. 32).

Na visão exposta acima entrevemos de acordo com Coelho Rodrigues o poder de nomeação exercido pelo imperador, pois era o Poder Moderador, exercido por D. Pedro, que escolhia o Presidente do Conselho de Ministros. Por sua vez, o primeiro ministro indicava os demais ministros para formar o Ministério, que deveria ser submetido à aprovação da Câmara. Em contrapartida a cobiça dos brasileiros no que tange a atingir notoriedade entre os seus iguais e, pois só se conseguia tal posição fazendo vistas grossas e aplaudindo as decisões imperiais. Tal dependência dos apadrinhamentos parece ser algo que acompanha o Brasil desde muito tempo.

Porem, essa clareza no que se refere às semelhanças partidárias não era indiferente para os demais contemporâneos de Coelho Rodrigues, era sim, motivo de riso, pois de acordo com a bibliografia referente à época, assim como afirma Schwarcz nos meados do século XIX era comum dizer-se que:

(...) nada mais parecido com um Saquarema — apelido dos conservadores em razão de seus principais líderes serem fazendeiros da região que tinha esse nome e localizava-se no norte do Rio de Janeiro — do que um Luzia (como eram conhecidos os liberais) no poder. (Schwarcz, 1999, pg.169).

Assim os partidos atravessaram todo o segundo reinado alternando-se no poder sem deixar rastros que os distinguisse efetivamente, diante disso se perguntava Coelho Rodrigues *De quem é a culpa? Se não ha programmas, por que sam inúteis, porque a experiência tem mostrado que só se póde governar ao talante do Imperador (...)*. (RODRIGUES, pg. 33) e ao imperador não interessava ministros que ousassem exercer sua própria vontade.

Esta cegueira é a mãe da sua fraqueza: aquelles que juntos tudo poderiam, contrapostos não valem nada, nem passam de *instrumenta regni*, nas mãos omnipotentes de Vossa Magestade. (RODRIGUES, pg. 57).

Sempre muito persuasivo, não perde oportunidade de atacar o poder exercido sobre os partidos por parte da *onipotência de Vossa Magestade*, sem deixar também de incitar que essa se constitui na fraqueza desses partidos que juntos poderiam ser mais fortes contra as injustiças do poder imperial. E vislumbra uma alternativa que pudesse sanar a condição a que se achavam submetidos os partidos:

D'ahi conclui eu que, se cada partido tivesse um chefe só, se só este pudesse

governar nas mudanças de situação, se o senador saísse da urna para o senado, sem fazer escala por S. Christovam; se o conselho de Estado fosse eleito pela camara e a maioria delle preponderasse na resolução dos actos do poder moderador, que destróe e absorve todos os outros, a verdade, represada longe do thono, obteria *habeas-corporis* e livre accesso ao pé de vós, quando não no corredor dos fidalgos, ao menos no salão dos pobres. (RODRIGUES, pg. 33).

Coelho Rodrigues tem uma escrita bastante afiada e fala mal de Imperador e dos partidos mesmo o partido conservador, mas diante disso percebe-se que a sua insatisfação para com a monarquia e a passividade dos partidos dá-se por sentir que a esse momento suas queixas contra os abolicionistas e a favor do direito dos senhores não mais seriam satisfeitas, tanto é que a abolição aconteceu sem a indenização dos senhores, dando assim motivos para estes romperem com a monarquia e declararem-se republicanos, tal qual fez Coelho Rodrigues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de toda pesquisa desde a experiência do projeto de pesquisa até a conclusão com a monografia, me deparei com a descoberta do século XIX o qual estudei tomando como objeto Antônio Coelho Rodrigues um sujeito “ambíguo”, que não dispensa críticas aos abolicionistas, ao imperador, ao poder moderador, a influencia estrangeira na política imperial brasileira, o imigraçãoismo que estava relacionada com as teorias racistas e a política eugenista em destaque na época.

Concluo diante das questões analisadas que, é preciso de acordo com Certeau considerarmos o lugar social de quem está sendo analisado. Tomando por essa base reconhecemos que Coelho Rodrigues é representante de uma elite agrária do nordeste que se sentiu ameaçada pelas investidas abolicionista a ponto de se voltar contra a monarquia para garantir a manutenção da ordem, pois os caprichos de sua majestade estavam indo longe demais, o imperador perde o apoio da igreja e do exercito por causa das questões religiosa e militar. A república vai ganhando força em fins do século XIX e é proclamada um ano depois da abolição, feita tal qual Coelho Rodrigues temia sem indenização aos senhores, e bem como disse este, acabando a escravidão acabou-se a monarquia, pois colocou de vez os donos de escravos contra a monarquia.

Após a abolição a situação do negro não melhorou, o ex-escravo foi largado à própria sorte, e os imigrantes vieram ao Brasil para trabalhar nas lavouras de café. Coelho Rodrigues não encontra dificuldades em aderir a republica. No dia 19 de novembro de 1889 participa da publicação do *Manifesto aos piauienses*, documento no qual adere publicamente ao regime republicano e convida aos seus conterrâneos a fazerem o mesmo, Foi um dos fundadores do partido republicano do Piauí. Além disso, durante o governo de Marechal Deodoro foi escolhido para elaborar o projeto do código civil brasileiro, que ao final não foi aprovado. Foi ainda prefeito do Rio de Janeiro, em menos de um ano demite-se do cargo devido a desentendimentos internos.

Coelho Rodrigues passa então a criticar a república brasileira e a vê-la enquanto *instrumento de dominação paulista*, talvez por isso relegado ao esquecimento. Enfim, acredito que ele tenha sido um homem do seu tempo, em um período de tantas mudanças soube este se adaptar a elas, mas sem rejeitar suas próprias ideias.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Antônio Chrysippo de. *Direit Civil: Coelho Rodrigues e a ordem do Silêncio*. 1ºed. Teresina: Halley S.A Gráfica e Editora, 2006.
- ALONSO, Angela. *A Teatralização da política: a campanha abolicionista*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- ARAÚJO, Johny Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais Bravos Batalhoes do Imperio: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai (1865-1866)*. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de ciencias humanas e Filosofia, Departamento de Historia, Niteroi, 2009.
- BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública, In: por uma historia política/ [direção de] René Rémond; tradução Dora Rocha*. -2. Ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Escravidão e Abolição no Brasil, novas perspectivas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.1988.
- CARVALHO, Abinael C. Ferreira de. *Família Coelho Rodrigues, Passado e presente*.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Teatro de Sombras*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- _____. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. – Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- COSTA, Emília Viotti da, *Da monarquia à república: momentos decisivos/ Emília Viotti da Costa*. 8º ed. rev. e ampliada. São Paulo: Fundação Editorial UNESP, 2007.
- FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses*. 2ªed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- KNOX, Miridan Brito. *A questão servil na fala dos presidentes de província do Piauí*, In: VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Org. Eurípedes Simões de Paula. São Paulo, 1973, VOL. II.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- NABUCO, Joaquim, 1849-1910, *A abolição e a Republica/ Joaquim Nabuco*. Organizado e apresentado por Manoel correia de Andrade- Recife: Ed. Universitária da UFPR, 1999.

_____. *O abolicionismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

NUNES, Maria Cecília S. de A. *Trama e Poder: Trajetória do Republicanismo no Piauí (1870-1894)* /org. João Kennedy Eugenio in: *Historia de vario feitio e circunstancia* Instituto Dom Barreto, Teresina-2001.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1966.

PEREIRA COSTA, F.A. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Teresina: Artenova, 1974.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972.

RÊGO, Ana Regina Barros. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

RODRIGUES, Giselle. *A questão política no Império brasileiro: diagnósticos formulados nos anais do Congresso Agrícola de Recife 1878*. Dossiê: Trabalho, cultura e poder. Tempos Históricos. Vol. 11 – 1º semestre – 2008 – p. 23-44ISSN 1517-4689.

SCHELBAUER, Analete Regina. *Idéias que não se realizam*. O debate sobre a educação do povo no Brasil de 1870 a 1914. Maringá: Eduem, 1998.

SCHWARCZ, Lília Moritz (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930)*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. *As barbas do imperador*. São Paulo, Companhia das letras, 1998.

_____. *Retrato em Branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: 2º (reimpressão), Companhia das Letras, 1987.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*, In: REMOND, Rene. *Por uma historia política/ [direção de] René Rémond; tradução Dora Rocha*. 2º ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

UEMORI, Celso. *Joaquim Nabuco, um jacobino contra a aristocracia?* PUC - São Paulo.

Fontes:

Rodrigues, Antonio Coelho. *Manual do Subdito Fiel, Cartas de um Lavrador à sua majestade O Imperador*. Rio de Janeiro 1884.

Sociedade Emancipadora Piauiense. *O Piauí*, Teresina, 1870.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, **Janicléa Aparecida de Brito Mendes**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Coelho Rodrigues, um subdito fiel: construções sobre o movimento abolicionista no final do século XIX** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 01 de agosto de 2016.

Janicléa Aparecida de Brito Mendes
Assinatura

Assinatura